

SEGMENTO DE CARNES: NÃO BASTA SER LÍDER EM VOLUME, TEM QUE FATURAR

LUCIANO J. F. XIMENES

Zootecnista. Doutor em Zootecnia

lucianoximenes@bnb.gov.br

1 INTRODUÇÃO

2017 foi de turbulência para os pecuaristas brasileiros, com destaque para duas denúncias com repercussão internacional: a operação “carne fraca” e a delação dos irmãos Batista (JBS). 2018, novas ações desta operação estão em curso sobre o segmento de abate e processamento, afetando diretamente o elo mais sofrível da cadeia, como se não bastassem todos os desafios diários dos produtores dentro e fora da porteira. Contudo, o País está se recuperando lentamente da depressão de compra por parte do *player* do mercado mundial e de suas empresas subsidiárias. Além de redução da demanda dos segmentos de transformação, os reflexos da crise também influenciaram negativamente o consumo doméstico, mantendo os preços “aparentemente” estáveis e, boi no pasto + baixo preço pago = descapitalização dos pecuaristas. Fica uma lição: que as pequenas e médias empresas não devem ser esquecidas dos programas de fomento dos Governos Federal e Estadual, do contrário, há canibalismo das empresas, monopolizando o segmento de abate e de processamento, manipulando a demanda e a oferta de produtos.

Este trabalho mostra a conjuntura da produção e mercado das carnes bovina, de frango e suína. O segmento de carnes, destaque desta análise, compreende o grupo 101 - Abate e fabricação dos produtos de carne - da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0).

2 MERCADO EXTERNO

Em 2017, a partir de dados do Aliceweb (2018), o Brasil

exportou carne para 188 países. Foram 9,92 bilhões de kg de carnes *in natura* (97,64%), industrializada (2,35%) e salgada (0,01%) com faturamento total de US\$ 20,27 bilhões. O Nordeste faturou US\$ 11,84 milhões com os embarques de cerca de 10 mil toneladas de carne, com excedente de produção reprimido por uma série de desafios. No mais, o cenário internacional, com base nos dados da última circular do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos - USDA (2018), estima-se a seguinte conjuntura:

- A demanda mundial de carne cresceu 1,64 % a.a., com destaque para a China (16,23% a.a.). O maior mercado tem sido o Japão e foi responsável por 13,03% (3,22 milhões de toneladas) das importações em 2017 (24,68 milhões de t), que somando à China, representam 25% (6,24 milhões de t) da demanda mundial de carne. Para 2018, espera-se o aumento de 2,58% em relação a 2017 das importações mundiais, a produção e o consumo globais em 1,65 e 1,60%, nesta ordem (Tabelas 1 e 2);
- A previsão de aumento das importações de carne bovina será de 10,81% e de frango 6,67%, e queda de 3,03% nas importações de carne suína. No período de 2013-2018, observa-se o movimento preocupante na demanda mundial das carnes bovina, suína e de frango (Figura 1). Inevitavelmente, este padrão é explicado pelo comportamento do mercado chinês. A China é o maior consumidor de carne suína, o segundo de carnes bovina e o terceiro de frango. Assim, produtores e cooperativas de produtores brasileiros de suínos e de aves devem ficar atentos aos números da China. Não obstante, apesar do grande leque de países de destino dos produtos brasileiros, há concentração de volume em poucos países, como a Rússia (carne suína), que demanda também atenção especial.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano J. F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Roberto Rodrigues Pontes (Jovem Aprendiz). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), Leonardo Dias Lima, Wandemberg Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico) e Hermano José Pinho (Revisão Vernacular).

O **Caderno Setorial ETENE** é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão “Economia Regional”. Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

Tabela 1 - Importações mundiais de carnes (bovina, de frango e suína) no período de 2013 a 2018 (mil toneladas)

País	2013	2014	2015	2016	2017	2018(1)
Japão	2.837	2.959	2.913	3.053	3.215	3.240
China	1.426	1.438	1.963	3.429	3.025	3.105
México	1.697	1.746	1.946	2.000	2.080	2.185
Estados Unidos	1.474	1.849	2.094	1.921	1.903	1.887
Hong Kong	1.144	1.292	1.048	1.226	1.225	1.235
Coréia do Sul	763	872	1.013	1.128	1.230	1.215
União Europeia	1.047	1.084	1.093	1.130	1.060	1.080
Rússia	1.906	1.448	1.029	869	845	780
Arábia Saudita	838	762	863	886	780	740
Iraque	673	698	625	661	610	635
Outros	8.944	8.985	8.354	8.300	8.704	9.212
Mundo	22.749	23.133	22.941	24.603	24.677	25.314

Fonte: Adaptado de FAS/USDA (2018), pelo autor (ETENE/BNB).
Nota: Estimativa de outubro de 2017.

Tabela 2 - Consumos domésticos mundiais de carnes (bovina, de frango e suína) no período de 2013 a 2018 (mil toneladas)

País	2013	2014	2015	2016	2017	2018(1)
China	75.742	77.301	76.277	75.089	74.570	75.350
União Europeia	37.305	37.933	39.058	39.334	39.613	39.723
Estados Unidos	33.964	33.828	35.711	36.484	37.364	38.230
Brasil	19.465	19.879	19.983	19.546	19.914	20.264
Rússia	9.184	8.978	8.786	8.889	9.044	9.060
México	7.411	7.568	7.933	8.126	8.379	8.654
Índia	5.364	5.734	6.186	6.632	6.822	7.047
Japão	5.990	5.996	6.075	6.227	6.390	6.395
Argentina	4.393	4.276	4.428	4.339	4.389	4.466
Vietnam	2.341	2.414	2.550	2.676	2.718	2.740
Outros	48.941	49.960	48.329	48.407	48.882	50.296
Mundo	250.100	253.867	255.316	255.749	258.085	262.225

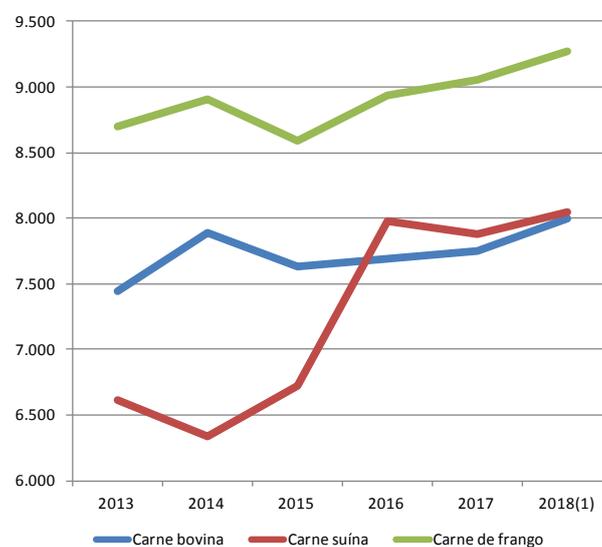
Fonte: Adaptado de FAS/USDA (2018), pelo autor (ETENE/BNB).
Nota: Estimativa de outubro de 2017.

2.1 Carne suína

- A previsão é de que a China consumirá 3 vezes a quantidade total de carne importada no mundo e cerca de 30% do total de carne consumida no planeta em 2018, com destaque para a carne suína. E para esta carne, os números ainda são mais expressivos, pois 50% de toda a carne suína consumida e produzida no mundo ocorre na China, além de abrigar aproximadamente 55% do rebanho total;
- O consumo de carne na China era bem próximo da pro-

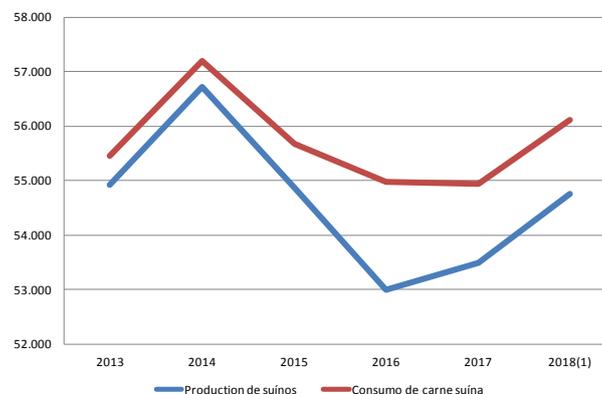
dução, com ténue demanda insatisfeita (2013 e 2014). Até que em 2016, houve queda expressiva da produção e a demanda foi atendida com importações. Com a demanda no mesmo patamar da produção, no período de 2013 a 2016, o Governo Chinês interviu: reduziu os plantéis (-8,59%), os estoques (-5,36%) e aumentou as importações (114,29%), limitando a alta dos preços domésticos. Outra forma de controle de preços por parte do Governo Chinês para a carne suína foi garantir oferta de carnes concorrentes a preços acessíveis. Não é à toa que em 2016, como precipitado, houve este ponto de inflexão, com destaque a China, com crescimento nas importações das carnes de frango e bovina (Figuras 1 e 2).

Figura 1 - Importações mundiais de carnes de frango, suína e bovina no período de 2013 a 2018 (mil toneladas)



Fonte: USDA/FAS (2018), elaborado pelo autor (ETENE/BNB).
Nota: (1) previsão de outubro de 2017.

Figura 2 - Produção e consumo chineses de carne suína no período de 2013 a 2018 (mil toneladas)



Fonte: USDA/FAS (2018), elaborado pelo autor (ETENE/BNB).
Nota: (1) previsão de outubro de 2017.

- Por fim, segundo analistas de mercado (USDA, 2018), os suinocultores chineses estão menores em número, mas são maiores, pois respondem aos crescentes custos de produção com maiores eficiências de escala.

Também, estão se adaptando a um controle ambiental mais rígido, onerando custos, com destaque para o tratamento de dejetos. Estimativas (USDA, 2018) indicam que 213 mil fazendas foram fechadas ou movidas durante o primeiro semestre de 2017. Por outro lado, os avanços na produtividade são atribuídos às melhorias na genética, saúde animal e cuidados veterinários, também decorrentes dos investimentos em tecnologia como sistemas automáticos de alimentação e monitoramento que estimulam a saúde animal e reduzem os custos.

2.2 Carne de frango

- A produção mundial de carne de frango deverá crescer 1% em 2018 (91,3 milhões de toneladas), principalmente pelos aumentos de produção nos Estados Unidos, Brasil, Índia e União Europeia. A expansão dos EUA e do Brasil é impulsionada por alta nas exportações, enquanto da União Europeia e da Índia é devida ao crescimento lento, mas constante da demanda doméstica. A produção da China está prevista para 5% em 2018 pelo terceiro ano consecutivo. A China continua com restrições sanitárias devido ao surto de gripe aviária, à disponibilidade limitada de genética, mercado saturado, preços fracos e demanda estável (Tabela 3);
- Para as exportações globais em 2018, é provável alta de 3%, acima de 11,4 milhões de toneladas. O Brasil pode se recuperar do fraco primeiro semestre de 2017 devido aos problemas de qualidade e ter alta de 4% nas exportações em 2018. Ademais, este impulso na recuperação da competitividade dos produtos cárneos deve associar-se aos embargos sanitários (gripe aviária) sofridos por países que são os principais concorrentes do Brasil. **O Brasil está, na medida do possível, estruturado para fortalecer os embarques para a China e expandir ainda mais sua participação no mercado.**

Os Estados Unidos e o Brasil são os maiores exportadores mundiais de proteína animal (bovinos, suínos e frango) e estão bem próximos no ranking. Em 2017, foram cerca de 6,96 e 6,57 milhões de toneladas, respectivamente. Entretanto, o Brasil entre 2013 e 2017 cresceu 2,12% a.a, enquanto que os EUA 0,58% a.a. Isto indica que, a continuar neste ritmo, em 2022 o Brasil poderá ser o maior exportador de proteína animal do mundo (Figura 3).

O embate "comercial" entre os Estados Unidos e a China pode favorecer o Brasil nas exportações, por um lado, os EUA como produtor-exportador e a China como cliente-importador¹.

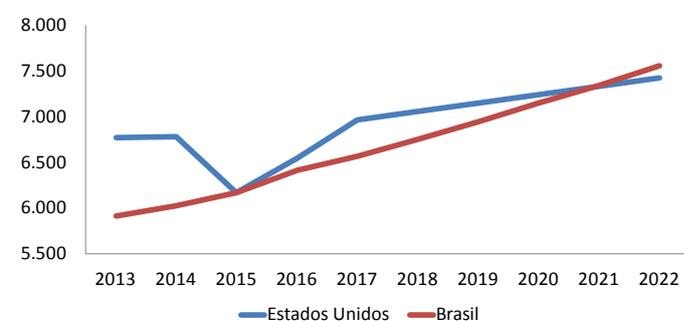
¹ China impõe tarifas a 128 produtos importados dos Estados Unidos. Beijing, 2 abr (Xinhua) -- A China suspenderá as concessões tarifárias para 128 produtos importados dos Estados Unidos, incluindo carne de porco e fruta, a partir de hoje, informou o Ministério

Tabela 3 - Exportações mundiais de carnes (bovina, de frango e suína) no período de 2013 a 2018 (mil toneladas)

País	2013	2014	2015	2016	2017	2018(1)
Carne bovina						
Índia	1.881	2.082	1.806	1.764	1.825	1.850
Brasil	1.849	1.909	1.705	1.698	1.760	1.825
Austrália	1.593	1.851	1.854	1.480	1.450	1.525
Estados Unidos	1.174	1.167	1.028	1.159	1.285	1.320
Nova Zelândia	529	579	639	587	570	570
Outros	2.213	2.409	2.513	2.734	2.901	2.966
Mundo	9.239	9.997	9.545	9.422	9.791	10.056
Carne suína						
União Europeia	2.227	2.164	2.388	3.125	2.800	2.800
Estados Unidos	2.262	2.310	2.272	2.377	2.589	2.706
Canadá	1.246	1.220	1.239	1.320	1.330	1.350
Brasil	585	556	627	832	810	830
China	244	277	231	191	215	235
Outros	447	461	478	475	527	563
Mundo	7.011	6.988	7.235	8.320	8.271	8.484
Carne de frango						
Brasil	3.482	3.558	3.841	3.889	4.000	4.150
Estados Unidos	3.332	3.310	2.867	3.014	3.091	3.189
União Europeia	1.083	1.133	1.179	1.276	1.250	1.280
Tailândia	504	546	622	690	770	800
China	420	430	401	386	400	385
Outros	3.868	3.985	4.256	4.350	4.438	4.610
Mundo	10.275	10.478	10.259	10.685	11.079	11.444

Fonte: Adaptado de FAS/USDA (2018), pelo autor (ETENE/BNB).
Nota: Estimativa de outubro de 2017.

Figura 3 - Exportações do Brasil e dos Estados Unidos de carnes bovina, suína e de frango, no período de 2013 a 2022 (mil toneladas)



Fonte: FAS/USDA (2018), elaborado pelo autor (ETENE/BNB).
Nota: Dados estimados a partir de 2018.

das Finanças. Disponível em: <http://portuguese.xinhuanet.com/2018-04/02/c_137082382.htm>. Acesso em: 2 de abril de 2018.

3 MERCADO NACIONAL

3.1 Comércio

Apesar dos fatores limitantes, as exportações de *commodities* pecuárias do abate nos últimos dois anos (2015-2017) evoluíram em volume (3,45%) e valor (4,88%), mas o saldo também foi influenciado pela redução do volume de importações (-7,51%), que além de sinalizar desaquecimento de demanda do mercado doméstico, também o baixo poder de compra das empresas locais. Recentemente, de 2016 para 2017, ainda com as importações de carne em queda (-12,31%) e, apesar do discreto crescimento em volume (0,28%), o faturamento de US\$ 20,27 bilhões foi quase o faturamento líquido (saldo de US\$ 19,94 bilhões -

destaque na tabela 4), em função da melhor remuneração no mercado externo.

As carnes representaram 90% das exportações e o comércio de carnes (bovina, frango e suína) do Brasil registrou saldo de cerca de 20 bilhões de dólares em 2017, superavitário em mais de 98%. Dos produtos do abate (couro, sebo, miudezas etc.), as carnes representaram 85,13% e 90,94% do valor e do volume das exportações, nesta ordem. Importante que o principal produto de exportação, a carne *in natura*, teve, em 2017, bem menor remuneração (2,00 US\$/kg) que outros produtos, como as tripas de bovinos e de suínos (3,29 US\$/kg). Ademais, a valorização comparativa destes produtos foi também relevante, respectivamente de 9,53% e 19,13%, entre 2016 a 2017 (Tabela 4).

Tabela 4 - Comércio exterior de produtos do abate de bovinos, frango e suínos no Brasil

Produtos do comércio	2016		2017		Variação (%)		US\$/Kg	
	KG	US\$	KG	US\$	KG	US\$	2016	2017
Exportação	10.598.659.726	21.109.873.158	10.652.935.891	22.776.603.131	0,51	7,90	1,99	2,14
Carne <i>in natura</i>	9.623.483.825	17.586.637.184	9.687.410.106	19.390.707.413	0,66	10,26	1,83	2,00
Couros e peles	447.415.611	2.014.778.279	454.727.113	1.880.719.265	1,63	-6,65	4,50	4,14
Carne industrializada	269.900.877	990.185.073	232.856.600	876.712.375	-13,73	-11,46	3,67	3,77
Miudezas	209.883.977	399.146.031	218.356.570	470.723.378	4,04	17,93	1,90	2,16
Tripas	32.359.248	89.232.787	35.883.619	117.884.102	10,89	32,11	2,76	3,29
Embutidos	10.508.306	24.420.445	10.642.399	27.319.714	1,28	11,87	2,32	2,57
Sebo e outras gorduras animais	1.323.037	1.204.650	9.087.262	6.361.516	586,85	428,08	0,91	0,70
Toucinho e gordura	3.305.840	3.395.174	2.685.601	3.112.034	-18,76	-8,34	1,03	1,16
Carne salgada	479.005	873.535	1.286.621	3.063.334	168,60	250,68	1,82	2,38
Subtotal de carnes	9.893.863.707	18.577.695.792	9.921.553.327	20.270.483.122	0,28	9,11		
Importação	119.432.608	393.528.754	135.924.213	473.040.478	13,81	20,20	3,29	3,48
Carne <i>in natura</i>	50.247.080	250.154.154	43.622.243	271.207.056	-13,18	8,42	4,98	6,22
Tripas	12.439.358	76.337.777	12.663.185	100.880.546	1,80	32,15	6,14	7,97
Couros e peles	8.931.889	22.836.026	15.601.929	41.706.975	74,68	82,64	2,56	2,67
Sebo e outras gorduras animais	43.150.255	25.957.738	57.053.490	34.632.946	32,22	33,42	0,60	0,61
Carne salgada	1.248.008	12.014.481	1.440.683	14.988.893	15,44	24,76	9,63	10,40
Miudezas	3.060.208	3.509.626	4.940.477	5.288.929	61,44	50,70	1,15	1,07
Cerdas	294.700	2.462.692	454.199	3.903.372	54,12	58,50	8,36	8,59
Embutidos	16.301	183.355	16.007	262.801	-1,80	43,33	11,25	16,42
Carne industrializada	44.809	72.905	132.000	168.960	194,58	131,75	1,63	1,28
Subtotal de carnes	51.539.897	262.241.540	45.194.926	286.364.909	-12,31	9,20	-	-
Saldo/Déficit (Brasil)	10.479.227.118	20.716.344.404	10.517.011.678	22.303.562.653	0,36	7,66	1,98	2,12

Fonte: AliceWeb (MDIC, 2018), elaborado pelo autor (ETENE/BNB).

Dessa forma, a carne in natura - que representa 85% das exportações das commodities pecuárias - é um produto básico, com pouco grau de processamento e mais próximo de seu estado bruto natural, daí a baixa remuneração. A venda deste produto básico, que é essencial à população, se dá concomitante à exportação de renda, emprego, impostos etc. do Brasil para os países de destino, que agregarão valor nestes produtos para o seu consumidor doméstico, ou, farão a transformação para reexportação para outros países, faturando alto sobre o "manufaturado" brasileiro. Esta transformação pode ser em cortes especiais ou refeições semiprontas para micro-ondas ou forno.

No mercado externo, muito mais exigente, a pecuária de corte brasileira tem sido superavitária em todas as Regiões, até porque apenas uma fração da produção é exportada, seja para bovinocultura de corte, avicultura de corte e suinocultura. Entretanto, no nível regional, há excepcionalidades, que no caso do Nordeste, a demanda nordestina por carne é abastecida com produtos de outras regiões do Brasil, especialmente por cortes suínos congelados (Tabelas 5 e 6).

Tabela 5 - Comércio exterior, por região do Brasil, das carnes de frango, de suínos e bovina em 2017

Região/Pauta		KG	US\$
Centro-Oeste	Exportação	1.827.670.644	5.009.146.722
	Importação	30.349.114	79.747.860
	Saldo/Déficit	1.797.321.530	4.929.398.862
Nordeste	Exportação	61.898.413	274.463.235
	Importação	15.641.757	54.498.333
	Saldo/Déficit	46.256.656	219.964.902
Norte	Exportação	319.643.059	1.115.289.173
	Importação	529.662	2.867.755
	Saldo/Déficit	319.113.397	1.112.421.418
Sudeste	Exportação	1.419.784.727	3.874.858.042
	Importação	18.168.120	99.063.754
	Saldo/Déficit	1.401.616.607	3.775.794.288
Sul	Exportação	7.023.886.105	12.502.723.899
	Importação	71.235.560	236.862.776
	Saldo/Déficit	6.952.650.545	12.265.861.123

Fonte: AliceWeb (MDIC, 2018), elaborado pelo autor (ETENE/BNB).

A suinocultura tem na instabilidade do mercado internacional, momentos de excesso de oferta, os embargos por barreiras sanitárias e não sanitárias. Então, os suinocultores brasileiros têm que, obrigatoriamente, desfazerem-se dos animais terminados para minimizar o prejuízo - entenda-se que o boi pode esperar no pasto, mas suínos e aves não - e este excesso de oferta (carne congelada) vem para o Nordeste. Aqui, nas gôndolas o preço cai, por conseguinte, o preço ao produtor também, cuja margem já é estreita e requer escala.

Entretanto, na Região, não apenas nos pequenos municípios, a preferência do consumidor é pela carne *in natura*, seja bovina, suína e de frango (frango abatido na hora), que de certa forma, isola parcialmente a concorrência com os produtos congelados do Centro-Sul. Há outro custo embutido na ração dos animais que diferencia os sistemas de produção do Nordeste e do Centro-Sul, que é a distância das culturas de soja e de milho. A suinocultura, assim como a avicultura de corte industriais, são sistemas de produção intensivos no uso de grãos.

Neste aspecto, o custo de logística seria menor se houvesse efetivo transporte ferroviário. Atualmente, o transporte rodoviário é predominante e pior, ocorre também por meio de estradas de baixo nível estrutural (conservação, com poucas faixas duplas etc.) que causam inúmeros prejuízos e atrasos para os fretistas, agricultores (produtores de milho e de soja) como os suinocultores e avicultores.

A logística mudou no tipo de produto transportado para o Nordeste. No caso dos bovinos, o transporte intrarregional de animais para abate, oriundos de estados com produção a pasto, como o Maranhão, era intenso. Também, o comércio de carne com osso tem sido substituído pelo corte padronizado e embalado a vacuo, tecnologia também usada nas carnes suína e de frango.

Tabela 6 - Balanço da avicultura de corte, suinocultura e da bovinocultura de corte no Brasil e no Nordeste

Brasil/atividade/variável		2015	2016	2017	
Brasil	Avicultura de corte	Produção (bilhões de kg)	13,15	13,23	13,53
		Consumo aparente (bilhões de kg)	5,22	5,15	5,50
		Exportação (bilhões de kg)	7,93	8,08	8,03
		Importação (milhões de kg)	4,04	3,12	3,31
		Consumo/Produção (%)	39,69	38,94	40,43
		Exportação/Produção (%)	60,34	61,09	59,60
	Consumo <i>per capita</i> (kg/ano)		25,53	25,01	26,24
	Suinocultura	Produção (bilhões de kg)	3,43	3,71	2,84
		Consumo aparente (bilhões de kg)	2,90	3,01	2,17
		Exportação (milhões de kg)	541,55	719,41	684,46
		Importação (kg)	14,22	13,77	14,40
		Consumo/Produção (%)	84,63	80,99	82,63
Exportação/Produção (%)		15,79	19,38	17,75	
Consumo <i>per capita</i> (kg/ano)		14,20	14,58	15,35	
Bovinocultura de corte	Produção (bilhões de kg)	7,49	7,36	7,67	
	Consumo aparente (bilhões de kg)	5,78	5,67	5,83	
	Exportação (bilhões de kg)	1,81	1,79	1,94	
	Importação (milhões de kg)	97,82	102,54	118,21	
	Consumo/Produção (%)	77,10	77,01	76,25	
	Exportação/Produção (%)	24,21	24,38	25,29	
Consumo <i>per capita</i> (kg/ano)		28,26	27,50	28,09	
Nordeste/atividade/variável		2015	2016	2017	
Nordeste	Avicultura de corte	Produção (milhões de kg)	528,05	510,92	529,59
		Consumo aparente (milhões de kg)	514,87	500,78	519,57
		Exportação (milhões de kg)	13,28	10,21	10,02
		Importação (toneladas)	96,00	71,10	-
		Consumo/Produção (%)	97,50	98,02	98,11
		Exportação/Produção (%)	2,51	2,00	1,89
Consumo <i>per capita</i> (kg/ano)		9,10	8,80	9,07	
Suinocultura	Produção (milhões de kg)	29,29	30,09	27,79	
	Consumo aparente (milhões de kg)	29,32	30,09	27,82	
	Exportação (kg)	-	-	-	
	Importação (toneladas)	32,01	9,58	26,40	
	Consumo/Produção (%)	100,11	100,03	100,09	
	Exportação/Produção (%)	0,00	0,00	0,00	
Consumo <i>per capita</i> (kg/ano)		0,52	0,53	0,49	
Bovinocultura de corte	Produção (milhões de kg)	714,96	671,25	662,72	
	Consumo aparente (milhões de kg)	669,73	624,98	626,45	
	Exportação (milhões de kg)	49,66	52,82	51,88	
	Importação (milhões de kg)	4,42	6,56	15,62	
	Consumo/Produção (%)	93,67	93,11	94,53	
	Exportação/Produção (%)	6,95	7,87	7,83	
Consumo <i>per capita</i> (kg/ano)		11,84	10,98	10,94	

Fonte: AliceWeb (MDIC, 2018), elaborado pelo autor (ETENE/BNB).

Outros aspectos interessantes se referem à avicultura de corte já presente nos pequenos municípios do semi-árido e, também, que a avicultura colonial ou caipira já

desponta na oferta ao mercado de forma tecnicada e, inclusive, manejada de acordo com a legislação específica desta nova atividade². Estas recomendações tecnológicas são de baixo custo e coerentes como o perfil de produção da agricultura familiar. Além disso, de melhor preferência pelos consumidores locais: domésticos, bares, restaurantes e redes de varejo. Outra causa desta evolução recente é o apelo natural de manejo das aves, menos intensiva de insumos químicos e a céu aberto, traz consigo a produção agroecológica. Não obstante, o ovo caipira também tem apelos ecológico e social e é uma renda extra ao produtor familiar.

Em relação à suinocultura, tem havido melhor conscientização da população de que a carne de porco não é nociva à saúde humana (alto colesterol e transmissora da cirticerose-teníase). As linhagens de suínos mudaram da aptidão de gordura para linhagens com musculatura desenvolvida e excelente rendimento de carcaça. Os programas de melhoramento foram conduzidos em consonância com a demanda do mercado consumidor, cada vez mais exigente em qualidade, integrados e produtores independentes têm garantido o atendimento destas exigências, tanto no aspecto nutricional como de segurança alimentar. Esta mudança de perfil de produção vem ocorrendo na agricultura familiar nordestina e tem atendido o mercado local com o produto *in natura* fresco, de melhor aceitação pela população local em relação àqueles produtos congelados vindos do Centro-Sul do País.

3.2 Produção

O Valor Bruto da Produção agropecuária (VBP) para 2018 está estimado em 517 bilhões de reais, sendo 173 bilhões (33,41%) os faturamentos da pecuária e 344 bilhões (66,59%) da lavoura. Conforme precitado, os "solavancos" que o segmento de carnes têm sofrido, encontram alento apenas na recuperação das pastagens e na eventual baixa dos preços dos principais insumos com a chegada da nova safra. Dentre estes desafios está a crise econômica que mantém cerca de 13 milhões de pessoas desempregadas (taxa de desocupação de 12,2% e em 2014, a taxa de desocupação era de 6,4%)³ e, conseqüentemente, há deteriorização do consumo das famílias, tanto em quantidade como em qualidade, especialmente no Nordeste (Tabela 6). Com a queda do consumo, o boi fica no pasto e o frigorífico "refrigera" prejuízo com a escassez de animais para abate. Os suinocultores e avicultores reduzem os plantéis para minimizar as perdas com o baixo preço pago.

2 ABNT NBR 16389:2015 - Avicultura - Produção, abate, processamento e identificação do frango caipira, colonial ou capoeira.

3 No trimestre de novembro de 2017 a janeiro de 2018, havia aproximadamente 12,7 milhões de pessoas desocupadas no Brasil. Este contingente apresentou estabilidade frente ao trimestre de agosto a outubro de 2017, ocasião em que a desocupação foi estimada em 12,7 milhões de pessoas. No confronto com igual trimestre do ano anterior, quando havia 12,9 milhões de pessoas desocupadas, esta estimativa também apresentou estabilidade. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Mensal/Comentarios/pnadc_201801_comentarios.pdf

Toda esta conjuntura tem sido responsável pelo baixo desempenho de abate. Nas tabelas 7 e 8, estão bem destacadas as baixas demandas por carne bovina em todas as Regiões do Brasil, mas bastante preocupante no Nordeste. A solução é a recuperação dos empregos com poder de compra, principalmente na faixa da população de mais baixa renda.

Tabela 7 - Animais abatidos no Brasil e Regiões (cabeças)

Espécie	Local	2016	2017	Varição (%)
Bovinos	Brasil	29.702.048	28.818.334	-2,98
	Centro-Oeste	10.694.044	10.649.097	-0,42
	Nordeste	2.928.238	2.664.016	-9,02
	Norte	6.418.078	6.009.289	-6,37
	Sudeste	5.669.270	5.826.807	2,78
	Sul	3.504.040	3.453.681	-1,44
Frangos	Brasil	5.860.316.609	5.814.372.699	-0,78
	Centro-Oeste	842.100.376	814.682.630	-3,26
	Nordeste	212.849.608	218.922.395	2,85
	Norte	67.353.789	72.210.136	7,21
	Sudeste	1.172.048.146	1.160.669.561	-0,97
	Sul	3.535.318.841	3.522.568.728	-0,36
Suínos	Brasil	42.319.791	43.166.492	2,00
	Centro-Oeste	5.973.312	6.062.489	1,49
	Nordeste	444.671	395.100	-11,15
	Norte	57.493	49.930	-13,15
	Sudeste	7.871.660	7.936.060	0,82
	Sul	27.965.033	28.712.229	2,67

Fonte: (IBGE, 2018), adaptado pelo autor (ETENE/BNB).

Tabela 8 - Produção de carne (quilogramas)

Espécie	Local	2016	2017	Varição (%)
Bovinos	Brasil	7.358.777.695	7.669.521.219	4,22
	Centro-Oeste	2.770.842.443	2.966.507.874	7,06
	Nordeste	671.246.631	662.720.447	-1,27
	Norte	1.584.631.809	1.609.168.370	1,55
	Sudeste	1.440.025.725	1.555.540.835	8,02
	Sul	796.039.829	828.021.920	4,02
Frangos	Brasil	13.234.959.230	13.526.395.733	2,20
	Centro-Oeste	1.939.419.629	1.969.037.224	1,53
	Nordeste	510.920.210	529.590.545	3,65
	Norte	176.106.292	192.806.648	9,48
	Sudeste	2.689.894.340	2.765.973.966	2,83
	Sul	7.832.938.782	8.000.649.932	2,14
Suínos	Brasil	3.711.235.353	2.837.989.709	-23,53
	Centro-Oeste	530.314.592	542.776.284	2,35
	Nordeste	30.085.185	27.792.581	-7,62
	Norte	3.855.442	4.216.245	9,36
	Sudeste	658.594.760	663.673.154	0,77
	Sul	2.487.941.920	2.573.732.066	3,45

Fonte: (IBGE, 2018), adaptado pelo autor (ETENE/BNB).

Não há coordenação sob uma política agrícola nos âmbitos estadual ou federal que busque estratégias de atuação dos diversos atores das respectivas cadeias: carne bovina, suína e de frango. Como exemplo, além de outros desafios já citados (má conservação das rodovias e insuficiente malha ferroviária, sistema portuário ineficiente e modais que não funcionam)⁴, e a exiguidade de uma política estruturada de armazenagem de grãos, diante da precária infraestrutura logística. Estas cadeias são heterogêneas, a começar pelos diferentes portes (pequenos, médios e grandes), relevo, clima etc. Assim, demandam ações diferenciadas na organização dos produtores, na gestão dos sistemas de produção, no modelo de transferência de tecnologias, dentre outras.

Entenda-se que é desconhecido o tamanho real de mercado de seus estados, porque estas informações somente estão disponíveis nas Secretarias de Fazenda estaduais. Para se ter uma ideia, em estudo conduzido pelo ETENE em parceria com a SEFAZ-Ceará, constatou-se que cerca de 5 mil toneladas de filé e de pernil suínos foram adquiridas pelo estado do Ceará, no valor de aproximadamente 221 milhões de reais, para revenda nas redes de atacado e de varejo locais (Tabelas 9 e 10).

Tabela 9 - Valor das aquisições por produto suíno para o estado do Ceará, oriundos de outros estados e regiões do País (ano de 2009)

UF Emitente	Valor total da nota (R\$ nominal)	IGP-DI (12/2017)	%
Carne suína (filé, pernil)	135.293.909,01	220.872.555,86	75,85
Subproduto	37.668.702,50	61.495.618,38	21,12
Toucinho (salgado, fresco, defumado)	5.125.974,12	8.368.351,64	2,87
Suínos abatidos em bandas	192.722,69	314.627,27	0,11
Suínos vivos (em pé)	81.200,00	132.562,15	0,05
Total geral	178.362.508,32	291.183.715,29	-

Fonte: Dados informados pela Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará (SEFAZ) e tabulados pelo autor (ETENE/BNB).

4 Em todos os modais de transporte – rodovias, ferrovias, infraestruturas portuária e de transporte aéreo –, o Brasil está classificado no terço inferior do ranking, ocupando a última posição no subfator Infraestrutura de transporte. Entre os modais, o melhor posicionamento é obtido nas variáveis: Qualidade das rodovias, baseada em sondagem de opinião, e Integração ao transporte marítimo global, ocupando a 15ª posição em ambas. No relatório de competitividade do Brasil 2017-2018 que compara 18 países, elaborado pela Confederação Nacional da Indústria - CNI, o Brasil continua em penúltimo lugar no ranking geral. Esta melhora, em relação ao estudo anterior, é devida à produtividade do trabalho, mas ponderada pela ineficiência da infraestrutura, menor depreciação do real e redução do apoio à inovação. Nos demais subfatores, infraestrutura de transporte e infraestrutura de energia, o País manteve-se em último lugar. O relatório completo está disponível em: https://static-cms-si.s3.amazonaws.com/media/filer_public/77/91/7791b9b0-247b-4bc9-bb35-4ec8dff1d650/competitividadebrasil_2017-2018.pdf.

Tabela 10 - Valor das aquisições de produtos suínos por origem para o estado do Ceará (ano de 2009)

Valor total da nota (R\$ nominal)	Valor total da nota (R\$ nominal)	IGP-DI (12/2017)	%
Nordeste	151.586.688,80	247.471.151,03	84,99
Pernambuco (1)	151.305.703,78	247.012.432,08	-
Piauí	165.147,00	269.608,89	-
Rio Grande do Norte	62.517,35	102.062,00	-
Maranhão	37.973,16	61.992,66	-
Paraíba	15.347,51	25.055,41	-
Sul	18.822.286,68	30.728.113,31	10,55
Santa Catarina	10.676.167,25	17.429.257,27	-
Paraná	7.289.157,92	11.899.833,12	-
Rio Grande do Sul	856.961,51	1.399.022,92	-
Sudeste	5.988.237,72	9.776.030,42	3,36
São Paulo	4.891.419,00	7.985.431,30	-
Minas Gerais	1.053.529,72	1.719.928,14	-
Rio de Janeiro	43.289,00	70.670,97	-
Centro-Oeste	1.965.295,12	3.208.420,54	1,10
Mato Grosso	1.072.154,98	1.750.334,60	-
Goiás	789.850,49	1.289.461,57	-
Mato Grosso do Sul	103.289,65	168.624,36	-
Total	178.362.508,32	291.183.715,29	-

Fonte: Dados informados pela Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará (SEFAZ) e tabulados pelo autor (ETENE/BNB).

Nota:

(1) 81,04%, cerca de 236 milhões, emitidos de distribuidoras subsidiárias de um mesmo grupo econômico.

3 EMPREGO E ESTABELECIMENTOS

Estima-se que os principais segmentos de abate, processamento e comércio abrigam cerca de 581 mil empregos diretos.

Quanto ao Nordeste, pela grandeza⁵ das limitações peculiares da área semiárida para produção de carne a pasto, a Região tradicionalmente abate bovinos mestiços leiteiros para corte e, como precitado, importa animais ou cortes especiais de outras regiões ou de outros estados do Nordeste. Não obstante, há excessões de alguns produtores dos estados que dispõem de boas linhagens zebuínas de corte. Na suinocultura e avicultura industriais, os desafios decorrem especialmente dos custos adicionais pela distância dos polos de produção de milho e de soja, nos cerrados nordestinos a sudoeste (Maranhão, Piauí e Bahia).

Mais especificamente, em relação à produção de carne bovina, estas circunstâncias limitantes do Nordeste, especialmente o setentrional, fazem com que seja, não

5 A grandeza do semiárido para o Nordeste compreende mais de 60% dos municípios (61,54%) e da área (60,07%), que abriga cerca de 24 milhões de pessoas (41,89%). Área de atuação da Sudene e do Banco do Nordeste (1.990 municípios - 1.189 na área semiárida; 1.789.582 Km² - 1.036.296 Km² de semiárido e cerca de 61 milhões de habitantes, sendo 25 milhões residentes em área semiárida) (Ministério da Integração (2018); IBGE (2018), compilados pelo ETENE/BNB).

apenas cliente em potencial de outras regiões de forte aptidão de produção a pasto, mas fomenta toda a cadeia da indústria de abate e de processamento de carne. Nas cadeias da avicultura e da suinocultura, há diferenças em relação à bovinocultura de corte, mas também aquelas promovem a empregabilidade de milhares de pessoas do Centro-Sul do País, basta observar a origem dos produtos nas gôndolas das redes de varejo ou atacarejo. Por este fato, no setor de carnes do Nordeste, os segmentos de comércio varejista, atacado e atacarejo abrigam 55% da mão de obra do setor (Tabela 11).

Tabela 11 - Vínculos empregatícios do Brasil e Nordeste nos segmentos de abate, processamento e comércio

Local/Atividade	2015	2016	2017	15-16 (%)	16-17 (%)
Brasil	598.037	554.980	580.872	-7,20	4,67
Abate de reses	117.278	116.118	125.395	-0,99	7,99
Abate de suínos, aves e outros pequenos animais	289.349	250.630	260.613	-13,38	3,98
Comércio atacadista de carnes e pescado	48.293	46.521	48.133	-3,67	3,47
Comércio varejista de carnes e pescados	83.950	84.944	88.272	1,18	3,92
Fabricação de produtos de Carne	59.167	56.767	58.459	-4,06	2,98
Nordeste	42.689	42.661	44.627	-0,07	4,61
Abate de reses	6.564	6.519	6.820	-0,69	4,62
Abate de suínos, aves e outros pequenos animais	8.812	8.075	8.740	-8,36	8,24
Comércio atacadista de carnes e pescado	9.895	9.692	9.969	-2,05	2,86
Comércio varejista de carnes e pescados	13.685	14.254	14.618	4,16	2,55
Fabricação de produtos de Carne	3.733	4.121	4.480	10,39	8,71

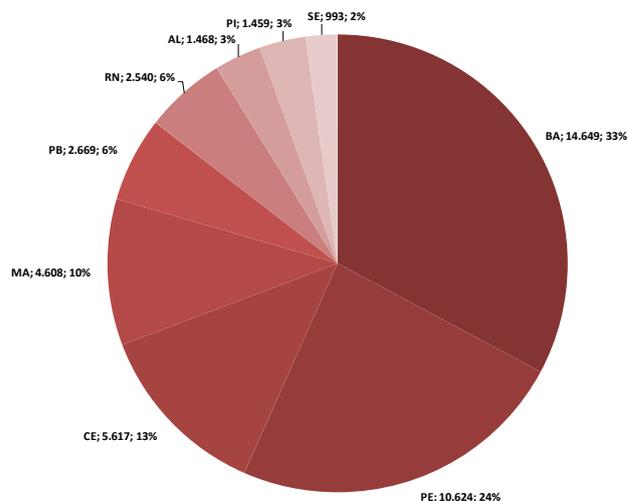
Fonte: Dados da RAIS-CAGED (2018), elaborado pelo autor (ETENE/BNB).

Os dados mostram a retomada das contratações de mão de obra do setor, especialmente no segmento de abate, comparando-se 2017 em relação aos anos anteriores. Destaque interessante é o comportamento do segmento de abate de suínos e aves, tanto em nível nacional como no Nordeste (a quantidade de suínos abatidos no Brasil foi a maior desde o início da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais - IBGE, em 1997). É o segmento mais intensivo em mão de obra dentre os demais e o mais sensível às

conjunturas de mercado e de custos variáveis (insumos), como já discutido anteriormente, inclusive, em relação ao grande *player* do mercado. Enfim, felizmente houve boa recuperação do setor em 2017, com perspectivas de cenário favorável nos mercados doméstico e externo (Tabela 11). Não obstante, o segmento de abate bovino também arrasta consigo a produção e o beneficiamento de couros e peles.

Ainda sobre os segmentos mais intensivos de mão de obra no mesmo período da tabela anterior, mas no Nordeste, relativamente abate-processamento e comércio têm mantido a paridade na proporção de 55% (24.587 empregos) e 45% (20.040 empregos) dos empregos formais. Muito embora, em termos absolutos, o segmento comercial manteve-se estável no crescimento, o de abate fechou 366 postos de trabalho entre 2015 e 2016 (1,55%). Entre 2015 e 2017, as taxas foram de 4,87% e 4,27%, respectivamente. Isto demonstra claramente que quanto mais primária a atividade maior a instabilidade influenciada pela interação conjuntural dos fatores econômicos, políticos e climáticos. Conjuntura que explica o panorama estadual exposto na Figura 4.

Figura 4 - Distribuição estadual dos empregos formais dos segmentos de abate, processamento e comércio no Nordeste



Fonte: Dados da RAIS-CAGED (2018), elaborado pelo autor (ETENE/BNB).

Em relação aos estabelecimentos no Nordeste, os segmentos de abate e processamento e o de Comércio são formados por 4.586 empresas⁶, sendo 90% do setor de comércio (que incluem grandes redes de varejo, atacado e atacarejo) e 10% pela indústria de abate e processamento. Não poderia ser antagônico do cenário dos empregos (Tabela 11), visto que estas também são atividades intensivas de mão de obra, e assim, o abate foi mais fortemente influenciado pela conjuntura econômica desfavorável (Tabela 12). Ratifica-se que aqueles estados que apresentam

6 De acordo com o último levantamento do CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (MTE), ano de 2016. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>. Acesso em: 11/04/2018.

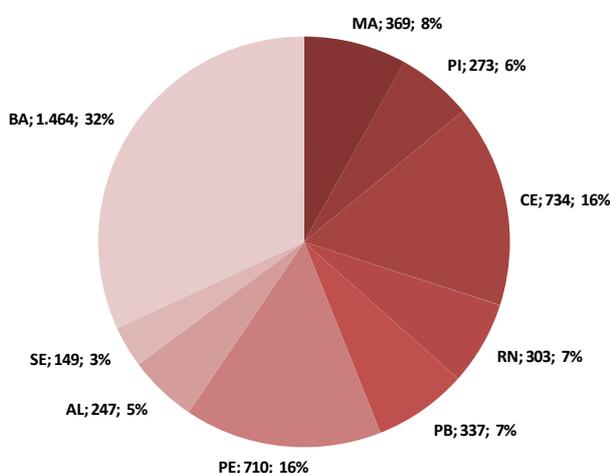
condições favoráveis de produção se destacam na Região (Figura 5). Dentre outros aspectos, o avanço no reconhecimento internacional de área livre de aftosa em nível nacional é bastante relevante para o País.

Tabela 12 - Desempenho dos estados nordestinos nos segmentos de abate e processamento e de comércio

Segmento/UF	2014	2015	2016	14-15 (%)	15-16 (%)
Abate e processamento	419	463	459	10,50	-0,86
Alagoas	25	30	26	20,00	-13,33
Bahia	146	148	146	1,37	-1,35
Ceará	48	55	52	14,58	-5,45
Maranhão	27	38	41	40,74	7,89
Paraíba	38	44	44	15,79	0,00
Pernambuco	60	71	73	18,33	2,82
Piauí	26	26	27	0,00	3,85
Rio Grande do Norte	37	35	34	-5,41	-2,86
Sergipe	12	16	16	33,33	0,00
Comércio	3.959	4.065	4.127	2,68	1,53
Alagoas	210	223	221	6,19	-0,90
Bahia	1.195	1.266	1.318	5,94	4,11
Ceará	673	692	682	2,82	-1,45
Maranhão	325	332	328	2,15	-1,20
Paraíba	286	286	293	0,00	2,45
Pernambuco	646	642	637	-0,62	-0,78
Piauí	220	231	246	5,00	6,49
Rio Grande do Norte	269	266	269	-1,12	1,13
Sergipe	135	127	133	-5,93	4,72
Total geral	4.378	4.528	4.586	3,43	1,28

Fonte: Dados da RAIS-CAGED (2018), elaborado pelo autor (ETENE/BNB).

Figura 5 - Distribuição estadual de estabelecimentos dos segmentos de abate, processamento e comércio no Nordeste



Fonte: Dados da RAIS-CAGED (2018), elaborado pelo autor (ETENE/BNB).

De acordo com os dados, o setor primário está se acomodando à mudança daquele cenário depois da porteira, inclusive, outras empresas do segmento de abate e processamento de menor porte, ganharam espaço no mercado. Não obstante, algumas empresas que outrora não tinham horizonte de sobrevivência financeira, recentemente investiram em novas plantas industriais, o que sempre é bom para a economia, para pecuaristas e consumidores.

5 DESTAQUES

Descrevem-se adaptações de análises anteriores, decorrentes da atual conjuntura, que podem ser discutidas por diversos atores da cadeia, inclusive, na análise de projetos de investimento.

5.1 Insumos: (grãos) - em decorrência das variações climáticas, é fundamental uma política de armazenagem de grãos eficiente, para os próprios agricultores, pecuaristas e confinadores. Linhas de crédito específicas para implantação e controle de armazenamento de grãos nas propriedades seria um investimento fundamental para melhoria de receita dos produtores, evitando-se sazonalidades de oferta e de preços do milho e da soja⁷. Da mesma forma, o financiamento estendido para cooperativas de produtores seria não apenas estratégico em relação à sazonalidade de oferta e de preço, mas como um negócio adicional.

5.2 Abate e processamento⁸: intensivo em capital, apresenta pequena margem de lucro devido aos elevados custos operacionais. A segmentação do mercado e a incorporação de serviços aos alimentos constituem estratégias usadas pelas empresas para agregar valor, elevar receitas e enfrentar a concorrência dos grandes frigoríficos. O segmento de transformação é concentrado e o mercado da carne é considerado oligopolizado, assim não é somente a diversificação das linhas de produção, mas a capacitação de recursos humanos e a análise permanente dos mercados para seus produtos (dentro e fora da porteira focados nas tendências). Os matadouros e os frigoríficos inspecionados sofrem concorrência desleal dos abatedouros clandestinos, além da qualidade duvidosa e do menor preço, pois não recolhem impostos e encargos sociais. Alternativamente, os frigoríficos municipais de pequeno porte sejam concedidos à iniciativa privada, para desburocratização, mudanças de gestão e tecnológicas e condições legais para atendimento de outros municípios. Há experiências exitosas de alguns estados operacionalizando matadouros regionalizados. Os principais gargalos das empresas relatados à equipe do ETENE/Banco do Nordeste foram: irregularidade na oferta de animais e sem padrão defini-

7 COELHO, J. D. Produção de grãos: feijão, milho e soja. **Caderno Setorial ETENE**. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/documents/80223/2789548/19_graos_11-2017.pdf/453bc21b-eb4c-3d66-3e61-7f825669a2ad. Acesso em: 12/04/2018.

8 Pesquisa sobre a agroindústria da carne bovina de Santos et al. 2012 (disponível em: https://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/livroPDF.aspx?cd_livro=219), compilada por XIMENES, L. J. F. Agroindústria da carne no Nordeste. **Caderno Setorial ETENE**. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/documents/80223/1095131/3_Carne.pdf/ae022e-5c-0e9c-4b03-8fcd-1f98db815bbe

do para corte (raça, idade, peso, rendimento de carcaça, castrado ou não etc.); elevado número de municípios desprovidos de matadouros para atender o mercado local; elevada incidência de abate clandestino; alta capacidade ociosa (sazonalidade da oferta); precárias condições de higiene e funcionamento dos matadouros públicos; ausência de veterinários nos matadouros municipais; pouca diversificação das linhas de produção dos frigoríficos; baixo nível de aproveitamento dos subprodutos nos pequenos matadouros; baixa qualidade do couro (bovinos); ausência de inspeção estadual ou federal na maioria dos abatedouros; baixa qualificação da mão de obra; logísticas de transporte e de comercialização inadequadas, sem atender à legislação vigente; carga tributária elevada; canais de comercialização deficientes; incipientes programas de marketing, e; impactos ambientais negativos principalmente dos matadouros municipais.

Proposições específicas: a) Melhorar as condições de funcionamento das instalações, máquinas e equipamentos e de higiene nos abatedouros e nas indústrias; b) Capacitar recursos humanos em manuseio, higiene e cortes especiais de carne; c) Obter maior aproveitamento da carne e subprodutos com a produção de cortes, peças, embutidos e conservas; d) Ampliar a capacidade de câmaras de frios e o transporte da carne em veículos refrigerados; e) Trabalhar nichos de mercados (produtos de melhor valor agregado); f) Ampliar o número de frigoríficos exportadores no Nordeste; g) Atualizar as estratégias específicas por País importador de carne bovina e derivados; h) Reprimir com efetividade o abate clandestino e a comercialização de seus produtos.

5.3 Subsistema distribuição: As tecnologias modernas e a maior eficiência na logística de frios, transporte, armazenagem e distribuição minimizou o paradigma de instalar o abate e o processamento próximos aos consumidores. Contudo, ainda há muitos desafios que envolvem elevados custos de transação comercial, onerando desnecessariamente o produto final. A maioria dos pequenos varejos não atende as necessárias condições de higiene, conservação e embalagem dos produtos comercializados. As tecnologias geradas para a produção de vários tipos de cortes da carcaça dianteira, portanto, agregando valor, são pouco conhecidas pela maioria dos pequenos comerciantes.

O controle sistemático ao longo da cadeia produtiva, incluindo o varejo, é um mecanismo eficiente para melhorar a competitividade da empresa, reduzindo perdas e desperdícios de produtos. Entretanto, a equipe do ETENE constatou, à época, que os cuidados pós-vendas se restringiam a uma pequena parcela de frigoríficos, sendo mais presentes nas linhas de embutidos e no âmbito das grandes empresas, no caso de bovinos.

A deficiência dos serviços da fiscalização dos órgãos de saúde, sobre a distribuição e comercialização da carne bovina, miúdos e vísceras é bastante criticada pelos matadouros e frigoríficos inspecionados. Suas ações, apenas pontuais, anulam os esforços dos estabelecimentos inspecionados para produzir carne bovina de qualidade. No

interior dos estados, prevalece o transporte e a comercialização da carne bovina e seus subprodutos sem refrigeração. As pessoas que manipulam esses alimentos não são qualificadas.

A pesquisa identificou ainda, dentre outros, os seguintes gargalos: a) falta de integração entre a fiscalização sob responsabilidade das superintendências estaduais do MAPA, secretarias da agricultura estaduais e municipais, que alcançam até o abate e processamento, e das superintendências estaduais do Ministério da Saúde, secretarias de saúde estaduais e municipais, que são responsáveis pela fiscalização do transporte e comercialização da carne e seus derivados; b) ausência de programas de marketing para conscientizar o consumidor sobre importância de adquirir produtos cárneos de qualidade e inspecionados, e; c) carência de mão de obra qualificada para a distribuição e comercialização da carne.

Proposições específicas: a) Instalar centrais privadas de distribuição para comercializar a produção dos matadouros regionalizados; b) Instalar pontos de recepção de novilhos para abate nos matadouros regionalizados; c) Universalizar o transporte e a comercialização de carne e derivados sob refrigeração; d) Proceder análise sistemática do mercado, identificando tendências e barreiras (tarifárias e não tarifárias); e) Elevar a participação relativa das exportações nordestinas de carne bovina industrializada no mercado mundial; f) Reprimir o transporte e a comercialização dos produtos cárneos sem refrigeração.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O financiamento de empresas do segmento de abate e de processamento de produtos cárneos pode ocorrer em substituição aos abatedouros municipais de forma regionalizada, dirimindo o risco de capacidade ociosa. Quanto ao investimento para médias e grandes empresas, não é diferente, a oferta de matéria-prima é fundamental sustentabilidade financeira. Para todos os portes de empresas, o maior controle de fiscalização sobre o abate e a comercialização clandestinos é imperativo e uma obrigação legal dos órgãos de vigilância. Incentivar denúncias de práticas delituosas e campanhas de esclarecimento da população sobre os riscos desta prática são necessárias.

Por fim, como a reestruturação da infraestrutura logística não ocorre da noite para o dia, a compensação justa a título de compensação do alto "Custo Brasil" é a redução da carga tributária para o setor, compensação fiscal também para atração de investimento e geração de emprego e renda. Não obstante, o financiamento para modernização do parque industrial de abate e processamento deve considerar a redução de custos e a ampliação da oferta de produtos processados da unidade. Como exemplo, aproveitamento de subprodutos, reuso de água, fonte alternativa de energia, controle ambiental, rastreabilidade, dentre outras ações já discutidas.

AGRADECIMENTOS

À Maria de Fátima Vidal, pesquisadora do ETENE, pelas sugestões na revisão do trabalho. Aos colegas da Célula de Gestão de Informações Econômicas do ETENE pela coleta e tabulação dos dados.

ANÁLISES DISPONÍVEIS

- [Indústria de alimentos](#)
- [Produção de algodão](#)
- [Setor sucroenergético nordestino](#)
- [Shopping centers](#)
- [Petróleo e gás natural](#)
- [Cajucultura nordestina continua em declínio](#)
- [Rochas ornamentais: novas perspectivas de investimento](#)
- [Textile industry \(english version\)](#)
- [Produção de Grãos: feijão, milho e soja](#)
- [Turismo no Nordeste: aspectos gerais](#)
- [A adaptação do Nordeste ao cenário de modernização da cocoicultura](#)
- [Indústria petroquímica](#)
- [Infraestrutura de saneamento na região Nordeste](#)
- [Desempenho da apicultura nordestina em anos de estiagem](#)
- [Produção de grãos: grandes desafios do agricultor brasileiro](#)
- [Produtor de café no Brasil: mais agro e menos negócio](#)
- [Semiárido: setores estratégicos e o déficit na produção de bens finais](#)
- [Retrato da silvicultura na área de atuação do Banco do Nordeste](#)
- [Potencialidades da energia eólica no Nordeste](#)
- [Indústria de bebidas alcoólicas](#)
- [Agroindústria sucroalcooleira](#)
- [Indústria da construção civil](#)
- [Logística de armazenagem: Produtos químicos](#)
- [A Indústria de vidros planos](#)
- [Indústria petroquímica](#)
- [Análise dos fluxos de comércio no semiárido](#)
- [Indústria de autopeças](#)
- [Agroindústria da carne no Nordeste](#)
- [Energia solar no Nordeste](#)
- [Carcinicultura no Nordeste: velhos desafios para a geração de emprego e renda](#)
- [Matriz de Insumo-Produto do Nordeste: demanda final doméstica](#)

PRÓXIMAS ANÁLISES

- | | | | |
|---------------------------------|---------------------|-----------------|-----------------------------------|
| - Saúde pública e privada | - Cerâmica vermelha | - Energia solar | - Agroindústria da carne |
| - Economia criativa: artesanato | - Grãos | - Citricultura | - Olericultura no Nordeste |
| - Energia térmica | - Energia eólica | - Floricultura | - Indústria de móveis no Nordeste |
-